

Apresentação

Este livro apresenta um relato histórico sobre um gênero do teatro musical que obteve grande sucesso no Brasil e em Portugal ao longo do século XIX e no início do século XX, designado nessa época como “mágica”. Valendo-se de maquinarias para proporcionar efeitos visuais maravilhosos no decorrer de um enredo fantástico, esses espetáculos obtiveram grande aceitação do público, que lotava os teatros para assisti-los.

O conteúdo apresentado resulta de pesquisas realizadas em Portugal e no Brasil,¹ e absorve em parte textos já publicados. As informações primárias foram levantadas na Biblioteca Nacional de Lisboa e no Teatro D. Maria II, em Portugal, e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Real Gabinete Português de Leitura e na Biblioteca da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Brasil.

Apesar do sucesso que as mágicas alcançaram em sua época, a historiografia, tanto a que aborda a história da música em Portugal quanto a que se dedica à história da música no Brasil, não faz referência a elas. Apenas recentemente, alguns trabalhos começaram a se referir ao tema. Isso, todavia, não invalida a suposição de que mágicas são encontráveis em outros países do universo lusófono e até fora desse universo, e que elas tenham tido nesses países receptividade semelhante. Com efeito, com os dados obtidos, pode-se

1 Pesquisas realizadas com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de 2004 a 2008, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de 2000 a 2008.

afirmar que, além da farta presença no Rio de Janeiro e em Lisboa, as mágicas foram representadas em outras cidades, como na cidade do Porto, em Portugal, e nos Açores (a mágica *A gata branca*, no teatro Teatro Angrense, em 25 e 26 de maio de 1904). Pudemos constatar também que atores, compositores, maestros e demais profissionais envolvidos com as mágicas atuaram em *tournées* ou temporadas longas no Brasil e em Portugal, resultando em intercâmbio, trocas intensas, apropriações e reelaborações observáveis seja na construção musical, seja no drama.

Concluímos, assim, que o silêncio existente na literatura provavelmente deriva de uma visão preconceituosa sobre nossas próprias culturas. No caso do Brasil, como no de toda a América Latina, por concepções inculcadas durante o período de colonização. No caso de Portugal, por uma provável visão de inferioridade cultural em face do restante da Europa, que se pode perceber, muitas vezes, na sociedade portuguesa. O preconceito contra o teatro “popular”, em geral, possivelmente se somou a essa situação, contribuindo para a ausência de referências às mágicas nos dois países.

Meu contato com as mágicas ocorreu quase por acaso, no decorrer de pesquisa que coordenei anteriormente, intitulada “O Real Teatro de São João e o Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara”.² Essa pesquisa procurava reconstruir a história desses dois teatros cariocas do século XIX, tendo como base um volumoso conjunto de cerca de 6 mil manuscritos musicais arquivados na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a cuja organização me dediquei por mais de dez anos. Em meio a esses manuscritos, as partituras de mágicas começaram a aparecer, embora não contivessem a designação do gênero, o que impediu, a princípio, que fossem identificadas dessa maneira. Em uma delas, contudo, intitulada *A rainha da noite*, do compositor brasileiro Barroso Neto, havia na capa, entre parênteses, a inscrição “mágica”. Começou a se desvelar, a partir daí, a história esquecida...

Em consequência desse achado, procurei, em periódicos do século XIX e do início do século XX, informações que ajudassem a montar o “quebra-cabeças”. As informações que foram sendo coletadas, oriundas, inicialmente, de exemplares de periódicos arquivados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, passaram a ser armazenadas num banco de dados, que hoje constitui um extenso e organizado arquivo de informações primárias sobre o assunto e sobre o teatro musical no Brasil e em Portugal, incluindo-se as óperas.

2 Realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro com apoio do CNPq.

A omissão de referências a esses espetáculos de mágicas na historiografia sobre música em Portugal e a impossibilidade de obter informações sobre eles por meio de consultas informais feitas a pesquisadores portugueses levaram-me a considerar, inicialmente, que as mágicas haviam existido apenas no Brasil, pois até aquele momento, em minhas pesquisas, só haviam aparecido referências a esse gênero no ambiente brasileiro – embora a historiografia sobre a música no Brasil também não fale sobre esse gênero, referências em periódicos e em partituras começaram a apontar um caminho.

Uma citação de trecho do escritor português Eça de Queirós, encontrada em livro da pesquisadora Neide Veneziano (1996) com foco no teatro de revista no Brasil, abriu outra perspectiva para minhas pesquisas, pois tal trecho incluía uma referência às mágicas. Desde então, a pesquisa se estendeu a Portugal.

Durante as pesquisas em Lisboa,³ as referências se multiplicaram. Tal como no Brasil, o assunto era desconhecido, mas a busca em arquivos portugueses mostrou-se extremamente proveitosa. Foram localizados na Biblioteca Nacional de Lisboa e na biblioteca do Teatro D. Maria II muitos exemplares de programas e cartazes de teatro, contendo referências às mágicas. Também foram localizados partituras, libretos e notícias em periódicos, tendo a quantidade de documentos encontrados em Lisboa superado em muito a de documentos e informações coletados no Brasil.

No Teatro D. Maria II, os principais documentos consultados foram os livros de registros de espetáculos encenados nesse teatro desde 1846, programas de teatro e cartazes dos séculos XIX e XX (cerca de 4 mil documentos), os acervos de partituras e de libretos de cordel da Coleção Lino Ferreira (1.302 libretos) e exemplares avulsos de alguns periódicos (*Notícia Teatral*, *Revista Teatral* e *Ilustração Portuguesa*). Já na Biblioteca Nacional de Lisboa, os principais documentos consultados pertencem ao acervo de partituras de música cênica e de canto e piano e às Coleções Augusto Machado e Salvador Marques.

Essas fontes primárias permitiram a construção de extenso banco de dados sobre as mágicas em Portugal, gerando um levantamento básico de 95 títulos, reproduzido nos anexos deste livro. Do Brasil, foram catalogadas 55 mágicas, também relacionadas nos mesmos anexos.

Paralelamente, foram reunidas informações sobre óperas em vernáculo em Portugal, tema correlato, também pouco conhecido por lá, das quais

3 Pesquisa de pós-doutorado, em cooperação com Mário Vieira de Carvalho, da Universidade Nova de Lisboa, e com o apoio da CAPES.

resultou um levantamento preliminar de 103 títulos, levando à ampliação do olhar sobre o teatro musical em Portugal. No Brasil, trabalho semelhante revelou um universo de mais de trezentas óperas em português, o que evidencia a força do teatro musical nos dois países, sobretudo no século XIX.

As informações coligidas, uma vez incorporadas aos bancos de dados da pesquisa, permitiram o cruzamento de diferentes perspectivas: a dos produtores de espetáculos (por intermédio dos programas de teatro e cartazes), a dos espectadores (à luz dos periódicos) e a dos artistas que criavam mágicas (com base nos libretos e partituras). Em seguida, os resultados desse cruzamento de diferentes olhares levaram à reconstrução da trajetória das mágicas em sua articulação com a sociedade da época. Em outras palavras, com o uso de fontes primárias no Brasil e em Portugal, pôde-se reconstruir a história desse gênero dramático musical, cuja característica mais marcante é o apelo ao fantástico, ao maravilhoso e ao aparatoso.

É desse mundo que trata o presente livro, cujo desenrolar levanta o véu que encobre uma história esquecida.